

UNIDADE ENTRE MEIOS E FINS EM ROSA LUXEMBURGO

UNITY BETWEEN MEANS AND ENDS IN ROSA LUXEMBURGO

João Gabriel da Fonseca Mateus*
joaogabriel_fonseca@yahoo.com.br

VIANA, Nildo. *Rosa Luxemburgo e a Autogestão Social*. Florianópolis: Bookess, 2012.

Repensar a contribuição da polonesa Rosa Luxemburgo ao movimento revolucionário do proletariado é o principal objetivo da obra *Rosa Luxemburgo e a Autogestão Social* de Nildo Viana, lançada recentemente pela editora Bookess. Militante socialista de origem polonesa, Rosa Luxemburgo, através de suas polêmicas com a socialdemocracia, sobretudo contra Karl Kautsky e Eduard Bernstein e com o bolchevismo de V. Lênin e L. Trótski – consagrado pelas ditaduras vermelhas e seus seguidores - desenvolveu os aspectos mais importantes do seu pensamento e suas mais importantes contribuições ao movimento operário revolucionário.

Esta obra aqui resenhada é acompanhada por um Prefácio de José Carlos Mendonça, uma apresentação e por cinco capítulos. Ao afirmar tão categoricamente, com devidas ressalvas em seus devidos contextos, a importância de Rosa Luxemburgo para a teoria da revolução social para instauração da autogestão social, Nildo Viana não esconde sua perspectiva teórico-metodológica: o materialismo histórico-dialético aplicado ao próprio materialismo histórico-dialético conforme teorizado por Karl Korsch.

Essa perspectiva apontada por Nildo Viana permite um olhar original sobre o pensamento de Rosa Luxemburgo e do marxismo, relacionando obras, autores, contexto das relações entre a classe trabalhadora e do movimento revolucionário advindo desta.

* Graduado em Licenciatura em História pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG). Atualmente é bolsista da Coordenação de Aperçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES-pelo PIBID, atuando na disciplina de história na Rede de Ensino em Goiânia. É autor do livro *Educação e Anarquismo: uma perspectiva libertária*. Membro do Corpo Editorial da Revista Espaço Livro. Tem experiência na área de história, com ênfase em História Contemporânea, atuando principalmente nos seguintes temas: anarquismo, educação libertaria, Mickail Bakunin e autogestão. Resenha enviada em 16/08/2012 e aceita em 10/12/2012.

No primeiro capítulo intitulado *Rosa Luxemburgo: a mulher e sua época* o autor nos traça um panorama através de suas categorias próprias de Regimes de Acumulação (VIANA, 2009), onde Rosa Luxemburgo está situada no Regime de Acumulação Intensivo – condicionado por um momento de estabilidade política e financeira; pela organização taylorista de trabalho; pelas concessões ao operariado realizadas pelo Estado Liberal-Democrático e do Imperialismo Financeiro – que emerge os partidos socialdemocratas, sindicatos e instituições, realizando uma mediação burocrática entre as classes sociais, causando um devaneio do movimento operário revolucionário (p. 29). Nesse sentido se situa o princípio da militância da referida autora no interior da Socialdemocracia, combatendo de um lado o revisionismo de Bernstein e atacando de outro a “ortodoxia” de Kautsky; Rosa só estabelecerá um avanço da crítica (de forma limitada) a essas tendências no período de crise do regime de acumulação em voga – através das experiências da Revolução Russa de 1905 - quando rompe com o Partido Socialdemocrata Alemão (SPD) e adere ao Partido Socialdemocrata Independente (USPD). No entanto, a formação acadêmica de Rosa e sua formação a partir das experiências concretas do movimento operário internacional são os grandes definidores de sua formação militante, já que isso vem possibilitar a crítica ao burocratismo socialdemocrata e bolchevique.

Em seguida o capítulo *O objetivo final: a autogestão social* traça teses sobre o que Rosa compreendia como “comunismo”. Nesse âmbito, duas questões merece destaque: a unidade entre meios e fins aparece de forma clara; e apesar da palavra “autogestão” surgir no *Maió de 68*, seu conteúdo tem origens no século XIX com a obra de Marx. Retomando as obras *Reforma Social ou Revolução?* de 1899 e *O que quer a Liga Spartacus?* datada de 1918, Nildo Viana aponta que entre esse período de tempo muita coisa mudou na obra de Rosa. Para exemplificar algumas mudanças, vemos a crítica acentuada ao bolchevismo e à Socialdemocracia, o elogio da espontaneidade revolucionária e da concepção de greve de massas. Portanto, nessa análise, o autor afirma: “(...) Rosa Luxemburgo entendia o comunismo como autogestão social (sem a distinção leninista de “socialismo” e “comunismo”, o primeiro sendo “etapa de transição” para o segundo, que é uma concepção não-marxista e ideológica) (...) (p.29).

Por conseguinte, *Os meios: espontaneidade, greves e conselhos operários* vem ressaltar que este só se concretiza quando os fins tem por objetivo a autogestão consciente dos trabalhadores: “A unidade entre meios e fins, o reconhecimento do caráter

fundamental e determinante ao objetivo final é o socialismo e da autoemancipação proletária como meio, é produto de sua busca ser uma marxista, ou seja, alguém que busca expressar a perspectiva revolucionária de classe do proletariado” (p. 45).

Seguindo tal perspectiva a conceituação de *Greve de Massas* (enquanto uma fase histórica da luta de classes), a espontaneidade revolucionária, conselhos operários são meios que apontam para o objetivo final, para a realização do “comunismo”. É bem verdade que a não percepção da burocracia como classe social foi um dos obstáculos de Rosa, por isso, a sua noção de Partido merece ressalvas. Apesar de romper com o SPD, Rosa Luxemburgo não rompe totalmente com a concepção de partido e do nome (Socialdemocracia) pelo próprio contexto e pela sua noção de Socialdemocracia ideal e não real.

No penúltimo capítulo intitulado *A crítica da Socialdemocracia e do bolchevismo* a base central da argumentação do autor está nos meios inadequados que a polonesa marxista aponta em: 1) o texto *Reforma Social ou Revolução?* criticando Bernstein por pensar que chegaria ao socialismo por bases legais ou por reformas sociais, sendo estas ilusórias, além das críticas à democracia e ao cooperativismo; 2) pela polêmica com Lênin, questionando que a relação que Lênin estabelecia com a classe e suas relações internas no partido eram contrarrevolucionárias e de que a tomada do poder do Estado era um meio proposto que se opunha ao fim.

Por último, *Significado da obra de Rosa Luxemburgo* é uma cartada final da evidência de que a obra de Rosa possui imprecisões e estas geram as apropriações de seus apropriadores regadas a interesses, valores e sentimentos. Assim, Nildo Viana aponta uma série de determinações dessas imprecisões: não percepção da burocracia como classe social; ela fora favorável pela expulsão de críticos da direção parasitária do Partido Socialdemocrata Alemão em determinados momentos; sua condenação ao burocratismo e centralismo bolchevique não percebeu que estes são fenômenos sociais e estão acentados nas raízes do bolchevismo resultando em uma crítica moderada à Revolução Russa; e suas ligações pessoais e afetivas com a Socialdemocracia se tornaram obstáculos de sua percepção. Nesse sentido, a obra de Rosa Luxemburgo pode ser apropriada por várias tendências, até mesmo díspares, por possuir avanços e recuos em sua historicidade.

Quanto à relevância do tema desta obra não cabe a menor dúvida. No processo histórico do movimento proletário revolucionário, a classe em si como classe consciente

de seus interesses distintos e opostos à classe hegemônica, também obtém discrepância de interesses aos dos “líderes de revolução” (bolchevismo). A leitura deste livro é essencial para compreender o pensamento de Rosa Luxemburgo de forma libertária; não temos dúvida disso, já que, de acordo com o autor dessa obra e autora polonesa, as lutas libertárias são condições para a classe trabalhadora se emancipar da exploração capitalista.

Neste percurso, fica nítida a noção de que o bolchevismo não é apenas uma deformação do marxismo, mas como uma etapa do capitalismo, o que denomina-se por “Capitalismo de Estado” e necessita ser superado. Fica claro então que unidade entre meios e fins está no que se vai fazer e o que se deve evitar.

A leitura de *Rosa Luxemburgo e a Autogestão Social* permite a reflexão crítica sobre a obra de uma autora outrora interpretada por bolcheviques, socialdemocratas e por vezes de socialistas libertários. Em um paradoxo histórico, o autor da obra no qual resenho aponta que por uma grande, diversa e, por vezes, contraditória, linhas e vertentes de interpretação da realidade formularam interpretações controversas da obra e dos objetivos da militante polonesa.

Nesse momento de arrefecimento das lutas dos trabalhadores impostas pelo Estado sob a ótica da burocracia parasitária e contrarrevolucionária (através de partidos e sindicatos) nada melhor e de atualidade necessária que um olhar crítico e libertário de uma das mais conhecidas e interpretadas autoras do marxismo.

Referências bibliográficas

VIANA, Nildo. *O Capitalismo na era da acumulação integral*. Aparecida: Idéias & Letras, 2009.